



## Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos do Município de Salto Veloso - SC

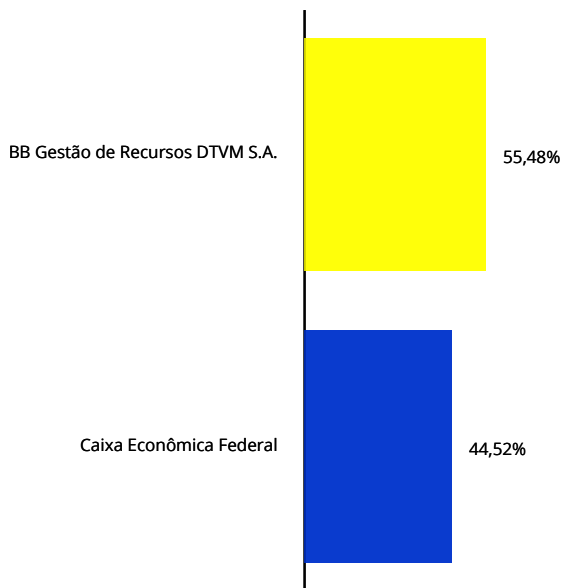
### Relatório da Carteira de Investimentos

JUNHO

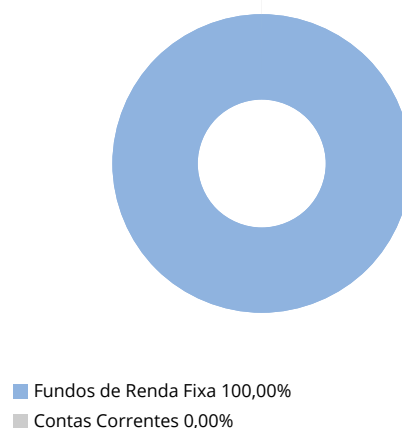
Os recursos do IPRESVEL são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

#### Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



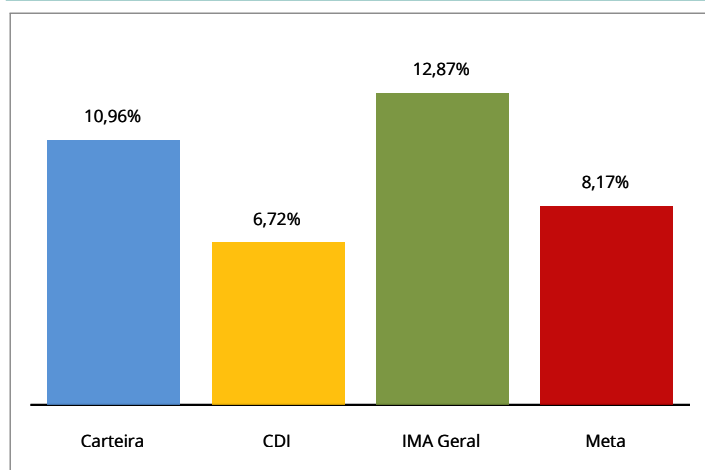
#### Distribuição da Carteira por Segmento



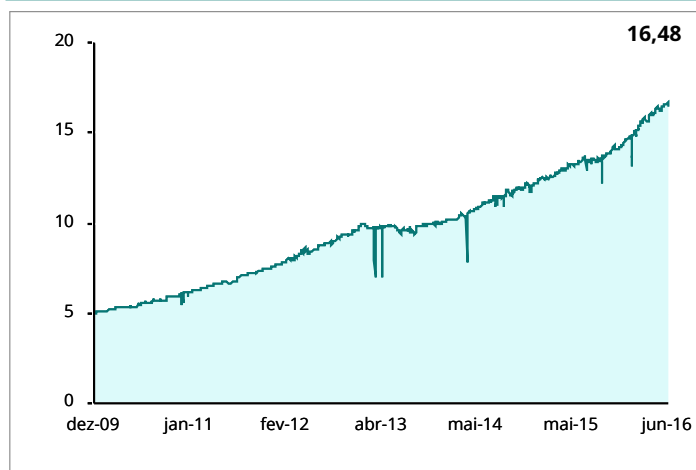
#### HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
<b>IPRESVEL</b>	<b>0,90%</b>	<b>10,96%</b>	<b>15,54%</b>
CDI	1,16%	6,72%	14,09%
IMA Geral	1,81%	12,87%	15,87%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	0,96%	8,17%	16,01%

#### Carteira x Indicadores em 2016



#### Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



**Análise de Desempenho: A carteira do IPRESVEL tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.**



## Análise Macroeconômica

O grande evento do mês de junho foi a decisão tomada pela população do Reino Unido, por meio de plebiscito, de deixar de integrar a União Europeia. Essa decisão deve estimular os principais bancos centrais de todo o mundo a elevar ainda mais o nível de liquidez da economia global.

O Banco Central americano manteve a taxa básica de juros estável em sua reunião de junho, conforme todo o mercado já esperava. Logo no início daquele mês, o relatório Nonfarm Payroll foi divulgado, mostrando que a criação de vagas de maio foi muito pequena e menor do que o esperado. Isso acendeu a luz amarela sobre o mercado financeiro, que por sua vez passou a duvidar das chances de o juro ser elevado na próxima reunião, em julho. Até então, a visão da SOMMA era de que o próximo aumento de juro na economia americana ocorreria apenas em setembro. No entanto, a decisão de saída do Reino Unido da União Europeia elevou o grau de incerteza da economia global. Com isso, passamos a acreditar que não haverá mais qualquer elevação do juro na economia dos EUA neste ano.

Na Europa, o destaque foi a escolha pelo "Brexit". Desde a fundação da União Europeia, é a primeira vez que um membro decide por deixar de participar da região. O maior temor gerado por esta saída é a possibilidade de outros países decidirem precipitadamente por fazer o mesmo, pois entre os economistas há o consenso de que a atividade econômica do Reino Unido sofrerá com esta decisão. Por outro lado, esta mudança deve estimular o Banco Central Europeu a colocar mais estímulos monetários sobre a economia.

Na China, os indicadores de produção e de vendas no varejo vieram em linha com o consenso de mercado. No entanto, os indicadores antecedentes – chamados de PMI – sugerem que o ritmo de expansão da atividade deve seguir se desacelerando no segundo trimestre deste ano.

O mês de junho no Brasil foi marcado pela melhora das expectativas dos agentes econômicos. Os indicadores de confiança calculados pela Fundação Getúlio Vargas mostraram que comerciantes, industriais, consumidores e prestadores de serviço têm consciência de que a atual situação da economia é de muita fragilidade, mas ainda assim passaram a acreditar que o futuro será mais positivo para suas atividades. Esse fator, aliado ao resultado do PIB do primeiro trimestre de 2016 que veio melhor do que o esperado pelo mercado, nos fez revisar nossa projeção de crescimento econômico para este ano, de -3,6% para -3%.

Em junho, Ilan Goldfajn foi confirmado pelo Senado para presidir o Banco Central. Na divulgação do Relatório Trimestral de Inflação, ele aproveitou para deixar claro que sua prioridade é de fazer a inflação convergir à meta de 4,5% ao final de 2017. Como atualmente as projeções do Banco Central são de que, se a Selic permanecer estável em 14,25% e o câmbio em R\$ 3,45, a inflação de 2017 ficará um pouco acima da meta (4,7%), passamos a acreditar que o Banco Central demorará mais algumas reuniões antes de começar a reduzir a taxa básica de juros. Desta forma, acreditamos agora que apenas ao final deste ano, na reunião de 30 de novembro, a Selic será cortada, passando de 14,25% para 14%, mantendo-se estável nas reuniões de julho, agosto e outubro.

No cenário político, o presidente interino Michel Temer parece aguardar a votação final do processo de impeachment (prevista para agosto) para levar ao Congresso as medidas fiscais mais duras que precisam ser tomadas. A avaliação é de que, até lá, cada aprovação de medida será muito cara em termos políticos, pois o processo de impedimento teria chance de ser desfeito no Senado. Para dar alguns exemplos, Temer já liberou um aumento dos benefícios do Bolsa Família de 12,5%, um reajuste de salário para os servidores públicos federais, renegociou a dívida dos estados com a União e aumentou a verba para a educação básica de estados e municípios. Além disso, ainda temos medo em relação à diferença entre o timing das medidas econômicas que ainda precisarão ser tomadas e da Lava Jato – afinal, diversos aliados importantes de Temer estão bem enrolados nesta operação.

Como consequência, os próximos meses tendem a parecer mais longos, dada a espera pela votação final do processo de impeachment e as eleições municipais. Efetivado o afastamento de Dilma, Temer deve voltar a buscar a aprovação de medidas econômicas impopulares (e necessárias). No entanto, a cabeça dos deputados e senadores estará mais voltada para as eleições municipais.

## Renda Fixa

Os bancos centrais dos países desenvolvidos sinalizaram que continuarão com uma política monetária expansionista devido ao cenário de baixo crescimento. Aliada à isso, a saída do Reino Unido da União Europeia coloca mais dúvidas



sobre a mesa, não só quanto ao impacto na economia dos demais países da região, mas ao reflexo nos países emergentes. No Brasil, parece que a nova equipe econômica já está trazendo credibilidade, apesar de o lado político (com a Lava-Jato) e fiscal (com sua morosidade característica) ainda gerarem desconfiança dos investidores.

A mensagem clara e objetiva do Banco Central brasileiro em convergir a inflação para os 4,5% ao ano em 2017 levou o mercado a entender que não haverá corte na Selic no curto prazo. Sendo assim, a parte mais curta da curva de juros fechou em alta. Os vértices de curtíssimo prazo – até janeiro 2017 – apresentaram alta em torno de 2%. Sobre a parte longa da curva, pesou o otimismo com a postergação de aumento de juros pelos EUA. Os vértices mais longos apresentaram queda de 5%, na média.

A moeda norte americana fechou o mês com forte queda de 10,72%, em R\$ 3,2098. Tal valor – bem abaixo dos R\$ 3,50 – foi bastante influenciado pela alta liquidez fornecida pelos bancos centrais. A dúvida é se a nova equipe do Banco Central vai deixar o dólar oscilar ao sabor da dinâmica do mercado ou se vai atuar através dos swaps reversos.

## **Renda Variável**

Com o mês de junho fechando o primeiro semestre, podemos enfim dizer que a Bovespa volta a ser destaque de rentabilidade. O Ibovespa rendeu 6% no mês e 20% no ano (quase 50% se dolarizado), tornando-se, até o momento, a Bolsa mais rentável no mundo em 2016.

No mercado internacional, o principal evento ocorreu no final do mês: a já citada saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). O fato rendeu volatilidade extra ao mercado de renda variável, pois o consenso das expectativas indicava o não rompimento com o bloco, pegando o mercado financeiro no contrapé. Com isso, os principais bancos centrais logo trataram de estruturar uma ação coordenada por meio do afrouxamento monetário e continuidade no fomento da liquidez, atitude que foi benéfica aos países emergentes – que viram suas moedas valorizarem em relação ao dólar no mês.

No âmbito doméstico, o mercado interpreta como positiva a evolução ainda precoce do quadro fiscal, com esforço adicional de travar o orçamento em um teto atrelado à inflação. Outro ponto importante é a linha de trabalho da nova equipe econômica, muito bem avaliada pelo mercado e classificada como austera, equilibrada e contando com apoio político suficiente para implantar medidas (rejeitadas pelo governo anterior). Nestes dois primeiros trimestres do ano, também observamos ajustes por parte das empresas em relação à cortes de custos, sendo que já notamos nos índices de expectativa uma melhora na confiança – principalmente por parte do empresariado.